

não só nos grupos informais que irrompem em meio profissional mas, e sobretudo, na família.

Presentemente, desenvolve-se uma série de organizações destinadas a preencher parte das funções que competiam à família. Os especialistas tomam-nas a seu cargo, o que, longe de representar um princípio de dissolução para a família, virá apenas dar-lhe um sentido diferente do que se impunha para a família tradicional.

Se organizações especializadas assumem o que existe de uniforme e neutro nas funções da família, cria-se para esta uma maior disponibilidade, propícia ao cultivo de uma intimidade onde os indivíduos podem encontrar uma compensação para a carência de relações de tipo pessoal — carência de que enferma a sociedade industrial, onde a eficiência é um princípio dominante.

Hoje, o casamento surge-nos, fundamentalmente, como relação pessoal; isto, evidentemente, não significa que ele não continue a ser para a alta burguesia uma forma de consolidar e aumentar o poder e, para as classes médias, em certos casos, uma forma de promoção social coincidindo, por vezes, com a formula «casamento por amor».

As exigências da personalidade de cada indivíduo dentro da família já não são compatíveis com uma predestinação ligada aos interesses desta. Pelo contrário, os interesses da família visam agora a defesa dos interesses de cada indivíduo que dela faz parte, o respeito pela sua personalidade, o apoio para a sua valorização — atitude que surge ligada a uma noção de família dinâmica, flexível e não sacralizada.

Não haverá consciência disto na família operária ou rural ainda submetida à luta diária pela subsistência; encará-lo-ão de forma adulterada algumas famílias burguesas para as quais a valorização pessoal vai desembocar na aquisição dos símbolos de domínio, mas tal valorização poderá significar reconhecimento de si e dos seus direitos — uma plataforma, enfim, para o reconhecimento dos outros e dos direitos que lhes assistem.

*Fevereiro de 1967*

*Mário  
Cardoso  
dos  
Santos*

## **Os trabalhadores e o progresso técnico**

1. As múltiplas formas pelas quais se concretiza o progresso técnico assumem crescente importância na determinação das transformações que se processam a vários níveis na maior parte das

actividades produtivas no que respeita, quer ao equipamento e às técnicas de produção, quer à organização do trabalho e à estrutura das empresas, quer à modificação dos próprios produtos ou até à organização de toda a actividade económica de uma nação.

Evoluindo o progresso técnico e o desenvolvimento económico no mesmo sentido, ambos se reflectem ao nível dos postos de trabalho pela supressão ou modificação das formas tradicionais de execução das tarefas e pela criação de novas formas de actividade a que correspondem outras exigências e qualificações profissionais, tanto no âmbito do trabalho oficial como no do trabalho administrativo. Mas, apesar de, como é geralmente admitido, o progresso técnico se concretizar, em última análise, ao nível da execução do trabalho, os seus efeitos não se podem limitar às modificações técnicas introduzidas e às reacções que elas provocam nos trabalhadores directamente implicados: qualquer transformação resultante do progresso técnico não se pode isolar da totalidade do sistema de trabalho a que se refere, nem mesmo das tendências evolutivas a que está sujeita a sociedade global que integra os vários sistemas e situações de trabalho, conferindo-lhes enquadramentos institucionais e perspectivas culturais, determinando atitudes, motivações e comportamentos individuais e colectivos.

Com efeito, uma situação de trabalho submetida ao impacto do progresso técnico não é apenas definida por um certo número de máquinas com determinadas características, por decisões resultantes de um certo processo de interacção entre pessoas e grupos conduzindo à vigência de um determinado tipo de relações de poder e de autoridade, ou por uma organização com características específicas. Existem ainda outros factores que se inserem nesta realidade imediata de actuação e que, do ponto de vista dos trabalhadores, lhe conferem uma determinada perspectiva. Assim, a modificação não será a mesma, nem será encarada da mesma forma, consoante os trabalhadores nela implicados a tomem única e exclusivamente como manifestação autoritária de uma procura de maiores margens beneficiárias ou, antes, como a concretização parcial de um progresso generalizado, implicando uma esperança controlável de melhoria do nível e das condições de vida: o sistema de referência adoptado condiciona a percepção da realidade social e determina quais os factos que são considerados mais importantes e, ainda, a forma e o sentido por que se processa essa tomada de consciência.

2. A atitude dos trabalhadores em relação ao progresso técnico, o julgamento a que sujeitam as inovações e a respectiva resposta em termos de comportamento poderão situar-se a diferentes níveis: ao nível do *posto de trabalho*, ao nível do *grupo primário*

integrado numa determinada organização, sendo esta encarada na sua totalidade, e ainda ao nível das *decisões económicas e dos sistemas de poder* a que os trabalhadores estão submetidos.

Ao nível do posto de trabalho situa-se o problema da *satisfação e da insatisfação individual* no que respeita, por exemplo, ao conteúdo do próprio trabalho, à remuneração, à respectiva categoria profissional ou ao estatuto da função e, ainda, às repercussões admitidas na esperança de mobilidade social. O trabalhador reagirá directamente à inovação e tentará agir sobre ela de acordo com o sentido e as perspectivas que confere à situação e que resultam do seu sistema de valores, das suas ligações com grupos de referência, dos sistemas de comunicação em que se integra, tudo factores sociais que se interpõem entre a transformação e a respectiva resposta individual.

O grupo primário constitui a unidade social mais restrita formada pelos trabalhadores de qualquer organização; situando-se no último escalão da hierarquia, está condicionado pelas directivas e ordens dimanadas dos escalões superiores, sem que, na maior parte dos casos, o grupo tenha conhecimento da importância ou, mesmo, da necessidade dessas decisões. Ao nível do grupo primário integrado numa determinada organização intervêm problemas relativos à *estrutura em que se introduz a inovação* — o sistema de autoridade implantado e o tipo de comando adoptado; a forma como a direcção da empresa se adapta a ela própria à mudança, harmonizando exigências contraditórias de inovação e de estabilidade; o tipo de relações entre estruturas formais e informais — e ao *grau de informação que ela proporciona*, possibilitando ou não, que as causas e as consequências de uma modificação possam ser conhecidas por todos aqueles que são por ela afectados. As soluções adoptadas numa empresa para estes dois grandes grupos de problemas (*estrutura e informação*) terão repercussões directas no *grau de participação e de integração dos trabalhadores no processo de inovação* e, portanto, nas respectivas atitudes e comportamento.

Ao nível das decisões económicas que orientam as aplicações do progresso técnico põe-se o problema da maior ou menor *capacidade de intervenção dos trabalhadores* nos respectivos processos, podendo daí advir um sentimento de exclusão da vida social e de alienação perante o seu controle que elimine grande número de possibilidades de actuação. Assumem então importância de relevo, a este nível, o tipo de organização e de enquadramento sindicais e a respectiva influência, quer directamente nas empresas, quer

---

<sup>1</sup> Que é, aliás, uma das formas de aplicação do progresso técnico na perspectiva de racionalização da actividade económica.

nas instituições ligadas à definição de objectivos, de políticas e de meios de desenvolvimento, por exemplo o planeamento económico<sup>1</sup>, nos países em que ele existe. A consciência de exclusão dos centros de decisão, de submissão a um poder autoritário e paternalista que de tais centros dimane e de incapacidade de intervenção para obter uma utilização dos meios produtivos de acordo com os seus interesses, poderá traduzir-se nos trabalhadores por uma passividade e desinteresse, incompatíveis com a necessidade de dinamismo e de participação activa de todas as camadas sociais num processo de desenvolvimento acelerado.

Notemos, finalmente, que apesar de a atitude dos trabalhadores em relação ao progresso técnico se poder referir esquematicamente a cada um dos três níveis que acabam de referir-se (posto de trabalho, organização e sistemas de decisão económica), é preciso não perder de vista que os vários níveis se condicionam mutuamente e que é da interpenetração das correspondentes visões que resultam as atitudes perante cada situação concreta de progresso.

3. É o reconhecimento de factos do tipo daqueles que foram apresentados que possibilita uma mais clara compreensão de como um fenómeno muitas vezes ainda considerado como não-social — a aplicação do progresso técnico à vida económica — se torna efectivamente *uma experiência social*, na medida em que é uma manifestação de relações e de intenções sociais, de necessidades económicas e mesmo, sob certos aspectos, de condições políticas.

Parece, pois, que poderá adoptar-se uma concepção das relações *progresso técnico-trabalhador*, integrando a perspectiva corrente (segundo a qual apenas se tem procurado determinar em que medida as transformações afectam os trabalhadores) na perspectiva recentemente introduzida por Alain TOURAINE<sup>2</sup>, segundo a qual o progresso técnico se insere num *campo de acção* a que o trabalhador confere um determinado significado e de acordo com o qual actua. *Considerar-se-á então o progresso técnico como um agente motor de desenvolvimento, sofrendo influências de natureza social, e o trabalhador não só como um receptor, mais ou menos passivo, de influências determinadas pela mudança, mas também como interveniente no próprio processo de inovação.*

Daí (e em igualdade das demais circunstâncias) a intensidade das aplicações do progresso técnico poder ser maior nuns países do que noutros — as estruturas sociais serão mais ou menos propícias à inovação e os trabalhadores estarão mais ou menos pró-

---

<sup>2</sup> *Les travailleurs et les changements techniques*, O.C.D.E., Paris, 1965

ximos dos objectivos e dos meios adoptados pela sociedade para o seu desenvolvimento; daí, também, a intensificação das aplicações do progresso técnico na actividade económica de uma determinada sociedade não depender apenas do estágio de desenvolvimento em que aquela se encontra, nem de uma melhor orientação e organização dos processos de adquirir conhecimentos científicos e técnicos (produzidos internamente ou importados).

4. Pretendendo reduzir a margem de improvisação na introdução e na administração do progresso técnico e os respectivos riscos económicos e custos sociais, parece importante que tanto a definição das áreas e das políticas de inovação como as suas aplicações concretas a vários níveis (e nomeadamente nas empresas) possam ser fundamentadas num conhecimento efectivo das atitudes dos trabalhadores em relação às transformações e às inovações necessárias ao progresso de um dado país. Aliás, é como resultado do equacionamento de preocupações desta natureza que em países industrializados se têm efectuado, desde há algum tempo, numerosos estudos sobre as implicações sociais do progresso técnico, e que organizações internacionais, como o B. I. T. e a O. C. D. E., têm organizado reuniões de especialistas e conferências tratando a problemática dos trabalhadores perante o progresso técnico. A última reunião internacional sobre este tema foi promovida por aquela segunda organização e realizou-se na Holanda, em Novembro de 1966, constando do respectivo programa o exame de pontos tais como: a atitude dos trabalhadores e dos empregadores em relação ao progresso técnico; a coordenação da evolução técnica e económica e dos ajustamentos operados pelas direcções das empresas nas suas necessidades de mão-de-obra; as técnicas de adaptação individual; a coordenação dos programas de adaptação compreendidos pelas empresas e pelos poderes públicos.

No nosso País, em que se começou já a procurar uma maior intensidade na introdução do progresso técnico a vários níveis, estes problemas permanecem ignorados. Supomos, porém, ter sugerido que seria importante que um melhor conhecimento das atitudes dos trabalhadores em face do progresso técnico e das respectivas implicações no contexto específico em que se situam, pudesse informar e orientar as políticas que venham a ser adoptadas no que respeita, tanto à própria aplicação do progresso técnico, como à modificação dos factores sociais que a possam entrarvar — ou, pelo contrário, facilitar e estimular.